

William Waack diz que seu objetivo é aclerar a História

Ao mesmo tempo em que era lançado pela Editora Nova Fronteira, no Rio de Janeiro, na semana passada, o livro *As Duas Faces da Glória*, do jornalista brasileiro William Waack, desencadeava uma polêmica sobre a atuação da Força Expedicionária Brasileira (FEB), na Segunda Guerra Mundial, apresentava em sua obra. O Comandante do II Exército (São Paulo), General Sebastião Ramos de Castro, por exemplo, lamentou que o livro "venha empanar as glórias obtidas nos campos de batalha" pelos brasileiros, entre outras coisas. No entanto, em entrevista ao JORNAL DO PAÍS, William Waack garante que esta não foi a sua intenção.

— As críticas estão sendo feitas por pessoas que não leram o livro — comentou Waack. — Eu esperava que isso ocorresse, embora minha intenção não fosse a de criar polêmica. Mas acho que estão opinando antes de se informar, como foi o caso do General Sebastião. Na verdade, ainda não sei qual a opinião das pessoas sobre o livro. Mas espero que elas compreendam que o espírito do trabalho é o de contribuir com a História e não de atacar os inegáveis atos de bravura e heroísmo individual, reconhecidos por todos.

Correspondente do *Jornal do Brasil* na República Federal da Alemanha durante seis anos e há um, em Londres, William Waack esteve no Rio de Janeiro para participar do lançamento do livro e contou como nasceu a idéia de escrever *As Duas Faces da Glória*. Em fevereiro do ano passado, sugeriu uma pauta bem limitada, com o objetivo de mostrar "o eco que ainda se registrava em torno da presença dos brasileiros na Segunda Guerra. Iniciou o trabalho na Alemanha, enquanto na Itália, o correspondente Araújo Neto, "tentava rever o pensamento dos fascistas sobre a questão".

— A idéia da gente era essa, mas com os fascistas não deu certo — explicou Waack. Além disso, era impossível encontrar um veterano alemão, porque não havia associações com as quais o Brasil tinha lutado, na Alemanha. Pensei, então, que me poderia concentrar no local onde as Divisões tinham sido formadas, mas constatei que isso ocorreu de forma aleatória. Descobri, no entanto, a Divisão mais importante, a de número 232 de Infantaria, que enfrentou o Brasil durante quase cinco meses seguidos.

"Aguilha no palheiro"

A partir daí, William Waack teve muito trabalho. Saiu em busca de documentos na Prefeitura e Polícia de Frankfurt e constatou em algumas publicações que a Divisão 232 fora formada por pessoas de toda a Alemanha. Isso significava que encontrar um ex-combatente para falar sobre o fato seria "a mesma coisa que achar uma agulha no palheiro". Outra dificuldade para Waack era o fato de que, após a Guerra, 12 milhões de alemães fugiram dos soviéticos, ou foram expulsos da Alemanha em um ano.

— Segui, então, para o Arquivo Militar de Freiburg e lá localizei os documentos de um Exército Alemão — contou Waack. Para a minha sorte o documento tinha uma lista de Oficiais do 232, com seus nomes e datas de nascimento. Mas levei meses até encontrar um dos integrantes dessa relação. Nos catálogos nada consegui, mas através do Livro da Nobreza Alemã, localizei a filha do Comandante do 232, que era o Barão Eccart Von Gablenz.

Mas as dificuldades não cessaram. Waack tentou contato com a filha do Comandante durante 15 dias, chegou até um Príncipe, que foram casado com ela e, depois de muita persistência, pôde finalmente entrevistar um dos sargentos do 232, que trabalhou no período de 1937 a 1945 com o Barão, falecido, em 1978. Segundo Waack o sargento recordava muito bem os brasileiros na Guerra e através de um álbum do ex-combatente, constatou que três oficiais do 232 estavam mortos.

— Com a filha do Comandante fiquei sabendo também que havia um relatório escrito por ele, em 1947 e que estava guardado em arquivo — contou Waack. Eu queria localizar os Oficiais, mas soube que todos foram feridos e, depois, viajaram para a Itália. Mas, se foram feridos, tinham que constar da lista da Central de Informações das Forças Armadas, não, há um outro arquivo com os nomes das pessoas que tinham direito à pensão de guerra. Fui a todos os arquivos e nada encontrei. Mas, tive a sorte de conhecer uma pessoa, com acesso ao local, que me forneceu os endereços dos Oficiais, nos anos 50. Assim, encontrei mais de uma dezena deles, todos em postos de capitão a Coronel.

Com os depoimentos dos sobreviventes, e material dos arquivos, Waack escreveu "como os alemães viram os brasileiros", já guerra completando essa parte com informações de caráter geral. Desse abrangente levantamento, Waack escreveu reportagem de 60 laudas que o *Jornal do Brasil* não julgou oportuno publicar na época, ou seja, junho, julho, do ano passado".

Só que nesse meio tempo, Waack foi transferido para Londres e não lhe faltaram incentivos para escrever *As Duas Faces da Glória*.

Ciente de que o material que tinha em mão não lhe bastava, Waack quis completar as informações em Londres e nos Estados Unidos, pois era necessário enfocar também a visão dos aliados sobre a participação da FEB na Guerra. Em Londres, Waack contactou o Ministério da Guerra, atual Ministério de Defesa, "onde há um arquivo absolutamente fantástico", com 14 mil pastas, entre as quais ele acreditava estar informações sobre a FEB.

— Encontrei, então, os relatórios americanos confidenciais e secretos sobre a FEB, aos quais os brasileiros não tinham acesso na época — disse Waack. Consta no material que um destacamento de ligação brasileiro, composto por Oficiais americanos, instruiu e observava a FEB. Era composto por 16 Oficiais que treinavam os brasileiros antes da Guerra e nesse acervo, pude observar que os oficiais americanos se dedicavam a analisar todo o posicionamento dos combatentes brasileiros, da alimentação ao comportamento em combate.

Para checar informações específicas, Waack foi a Washington e nos arquivos militares tentou descobrir qual a razão de acervo tão amplo sobre a FEB estar em Londres. Descobriu em seguida que os documentos dos ingleses eram feitos com cópias, posteriormente trocadas entre os dois aliados, sendo que os americanos microfilmaram tudo e os ingleses guardaram em papel.

— O volume de material sobre o Brasil era tão grande que tive que fazer uma subdivisão — explicou Waack. Uma, com a análise sociológica e anropológica que os americanos fizeram de nós, o que considero mais pitoresco para o leitor. E, ainda, as opiniões dos militares, cuja discussão pode reacender monótonas polémicas. Em resumo, nesse ponto ficou claro que os americanos tinham imagem desfavorável dos brasileiros, melhorada gradativamente. A narrativa americana sugere também que a importância militar nos episódios em que a FEB tomou parte não era a mesma que as versões brasileiras, oficiais e eloquentes, nos quer em fazer crer.